

SIPS

Sistema de Indicadores de Percepção Social



Trabalho e tempo livre

21 de março de 2012

Governo Federal

Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República

Ministro Wellington Moreira Franco

Fundação pública vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente

Marcio Pochmann

Diretor de Desenvolvimento Institucional

Geová Parente Farias

Diretor de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais, substituto

Marcos Antonio Macedo Cintra

Diretor de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia

Alexandre de Ávila Gomide

Diretora de Estudos e Políticas Macroeconômicas

Vanessa Petrelli de Correa

Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais

Francisco de Assis Costa

Diretor de Políticas Setoriais de Inovação, Regulação e Infraestrutura

Carlos Eduardo Fernandez da Silveira

Diretor de Estudos e Políticas Sociais

Jorge Abrahão de Castro

Chefe de Gabinete

Fábio de Sá e Silva

Assessor-chefe de Imprensa e Comunicação

Daniel Castro

URL: <http://www.ipea.gov.br>

Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

O Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS)

O *Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS)* é uma pesquisa domiciliar e presencial que visa captar a percepção das famílias acerca das políticas públicas implementadas pelo Estado, independente destas serem usuárias ou não dos seus programas e ações. A partir desta 2ª edição, a pesquisa passa a ser realizada em 3775 domicílios, em 212 municípios, abrangendo todas as unidades da federação. Passa também a ser utilizado o método de amostragem probabilística de modo a garantir uma margem de erro de 5% a um nível de significância de 95% para o Brasil e para as cinco grandes regiões.

Equipe Responsável

Elaboração

Sandro Pereira - Coordenação

André Campos

Brunu Amorim

Roberto Gonzalez

Formatação Final

Assessoria Técnica da Presidência (Astec)

Assessoria de Comunicação (Ascom)

1. Introdução¹

Esta versão do Sips/Ipea² levantou informações de 3.796 residentes em áreas urbanas, todos com pelo menos 18 anos de idade e com ao menos um trabalho remunerado na semana de referência do levantamento.

As informações, colhidas em âmbito domiciliar, por meio de questionário com 64 questões, versaram sobre esse trabalho dos entrevistados³. Mais especificamente, sobre o tempo cotidianamente gasto nesse trabalho e sobre seus impactos na vida dos entrevistados.

Várias informações foram coletadas, desde dados sócio-demográficos gerais (como sexo, idade e raça, entre outros) até dados sócio-laborais bastante específicos (duração da jornada, existência de intervalos, cobranças no ambiente de trabalho e assim por diante).

Este relatório concentra-se na *relação entre o tempo de trabalho e o tempo extratrabalho (ou tempo livre)*⁴, tal como ela é percebida pelos entrevistados do Sips/Ipea. Analisa-se aqui:

i) se, após o período de trabalho, o entrevistado consegue desligar-se inteiramente das preocupações próprias deste (ou se, ao contrário, tem de permanecer de sobreaviso, conectado a dispositivos de comunicação da empresa etc.);

ii) se, para além de seu trabalho, o entrevistado realiza outras atividades regulares em seu cotidiano (atividades educacionais, esportivas, religiosas, sindicais, políticas, i.e.);

iii) qual o tempo semanalmente dedicado a essas atividades extratrabalho – e se este tempo vem se reduzindo por conta do trabalho;

iv) se o tempo dedicado ao trabalho compromete a qualidade de vida do entrevistado (ao gerar cansaço, estresse e desmotivação, ao prejudicar as relações familiares e as relações de amizade, ao inviabilizar as atividades esportivas, educacionais etc.);

v) como o entrevistado se sente quando é solicitado a utilizar seu tempo livre para realizar atividades próprias do trabalho (se o sentimento é positivo ou negativo);

vi) se o entrevistado pensa em trocar de ocupação por conta do tempo despendido em seu trabalho;

vii) qual a percepção de alterações nas normas que regulam a jornada laboral (no sentido de reduzi-la das atuais 44 horas semanais para um número inferior).

Essa análise é realizada para o conjunto dos entrevistados, de maneira univariada e, também, multivariada. Verifica-se a distribuição simples das respostas dos entrevistados em cada um dos aspectos mencionados (se consegue se desligar do trabalho, se realiza outras atividades regulares, se o tempo de trabalho compromete a qualidade de vida etc.).

Após, observam-se as relações existentes entre tais respostas e as características dos entrevistados (características sociodemográficas – como região, sexo, idade, cor/raça e situação conjugal – e socioeconômicas, direta e indiretamente ligadas ao trabalho – como escolaridade, renda, ocupação, jornada e tempo de vínculo).

O contexto dessa análise precisa ser destacado, pois ele consiste em um mercado de trabalho com sinais de dinamismo, não observados no país desde os anos 1970. Esses sinais incluem a forte redução do desemprego e da informalidade, paralelas à expansão do assalariamento (em particular daquele protegido por normas laborais e sociais) e da remuneração do trabalho.

Essa dinâmica do mercado de trabalho, mais pronunciada após 2003, está fomentando soluções para problemas históricos do subdesenvolvimento brasileiro. Contudo, no bojo da ampliação do assalariamento protegido, também se estão levantando questões que há tempos não surgiam no debate acadêmico. Algumas dessas questões referem-se às tensões entre tempo de trabalho e tempo livre na vida cotidiana da população, aqui analisadas com os dados do Sips/Ipea.

A título de sumário, este relatório se inicia com uma observação do tempo de trabalho ao longo das décadas de 1990 e 2000 no país, tal como registrado pela Pnad/IBGE.

A seguir, verifica se os aspectos centrais acima mencionados (capacidade de se desligar do trabalho, de realizar outras atividades regulares etc.) estão relacionados entre si, pois isso pode indicar se, entre os entrevistados do Sips/Ipea, há um modo “comum” de perceber a relação entre tempo de trabalho e tempo livre.

Na sequência, observa cada um desses aspectos centrais, por meio da distribuição simples das variáveis envolvidas e das suas relações com as características

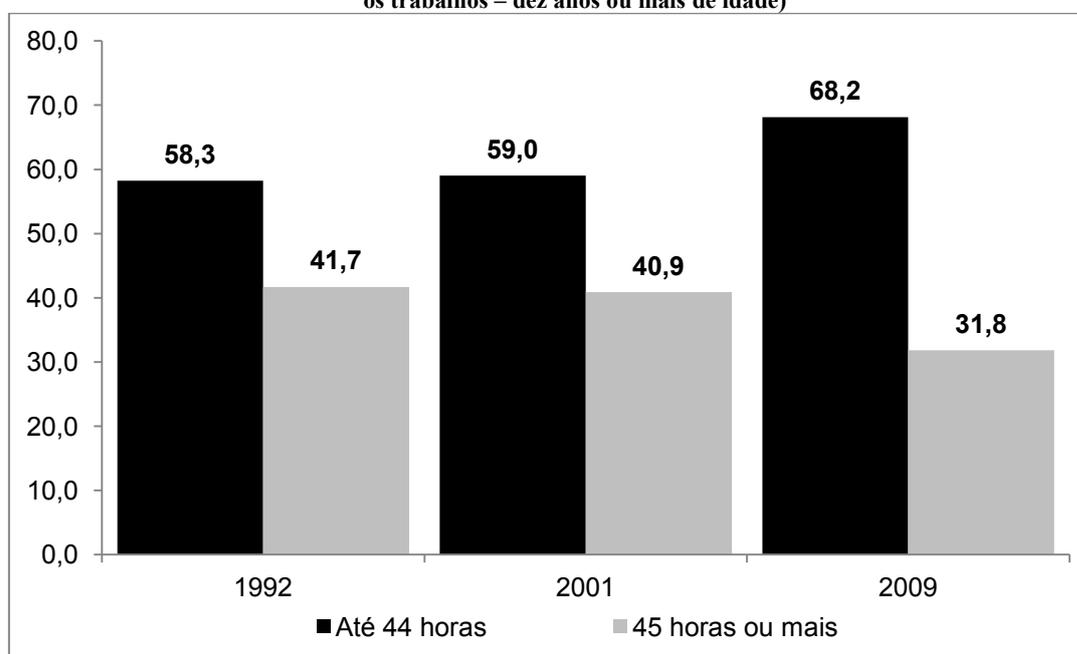
dos entrevistados do Sips/Ipea (características sociodemográficas, socioeconômicas etc.).

Por fim, este relatório traz algumas considerações gerais sobre as evidências empíricas trazidas pelo Sips/Ipea, bem como algumas hipóteses para explicar tais evidências.

2. Evolução do tempo de trabalho

De acordo com as informações da Pnad/IBGE, ao longo das décadas de 1990 e 2000, houve uma redução do tempo dedicado ao trabalho no Brasil. Considerando-se todas as ocupações (principais e adicionais), é possível verificar que a porcentagem da população que gasta 45 horas ou mais por semana trabalhando reduziu-se ligeiramente no primeiro período (de 41,7% em 1992 para 40,9% em 2001), bem como acentuadamente no segundo (de 40,9% em 2001 para 31,8% em 2009)⁵. Ou seja, o limite constitucional de 44 horas semanais (instituído em 1988) funcionou como uma referência concreta para uma percentagem cada vez maior da população ocupada no país, especialmente ao longo dos anos 2000.

Gráfico 1 – Evolução do tempo de trabalho no Brasil (Nº horas habitualmente trabalhadas por semana – todos os trabalhos – dez anos ou mais de idade)



Fonte: IBGE/Pnad

Tabela 1 – Evolução do tempo de trabalho no Brasil (Nº horas habitualmente trabalhadas por semana – todos os trabalhos – dez anos ou mais de idade)

	1992		2001		2009	
	Nº (Milhões)	%	Nº (Milhões)	%	Nº (Milhões)	%
Até 44 horas	37,95	58,3	44,96	59,0	63,17	68,2
45 horas ou mais	27,16	41,7	31,13	40,9	29,52	31,8
Sem declaração	0,03	0,1	0,07	0,1	0,00	0,0
Total	65,15	100,0	76,16	100,0	92,69	100,0

Fonte: IBGE/Pnad

Mesmo quando se consideram apenas as ocupações únicas ou principais, constata-se na Pnad/IBGE que a tendência continua a mesma. A proporção populacional que excede o limite constitucional de 44 horas semanais baixa de 39,4% em 1992 para 38,6% em 2001, assim como encolhe para 29,3% em 2009.

Em termos de posição na ocupação, percebe-se que todos os grupos testemunham uma redução na jornada extraconstitucional entre as décadas de 1990 e 2000, fazendo inclusive com que haja uma relativa convergência entre os grupos de trabalhadores subordinados (assalariados com e sem carteira assinada) e autônomos (conta própria): no momento mais recente, por volta de 30% deles trabalham 45 horas ou mais por semana, percentual significativamente menor que o de 1992.

Em termos de setor econômico, anotam-se tendências muito semelhantes. Todos os setores (para os quais há informações) registram diminuição da jornada extraconstitucional nas décadas de 1990 e 2000 (isso é particularmente claro nesta última). O comércio, a construção e os serviços de transporte/comunicação continuam com proporções expressivas trabalhando 45 horas ou mais por semana, ao passo que os serviços sociais e a administração pública permanecem com proporções bem menores. Mas, para todos os setores, entre 1992 e 2009, há redução da jornada que excede os limites definidos na Constituição.

Tabela 2 – Evolução do tempo de trabalho por posição na ocupação no Brasil (Nº horas habitualmente trabalhadas por semana – trabalho único ou principal – dez anos ou mais de idade)

	Apenas 45 horas ou mais		
	1992	2001	2009
	%	%	%
Empregado com carteira	38,5	41,8	32,0
Militar	30,7	33,6	23,2
Funcionário público estatutário	13,5	15,2	10,4
Outros empregados sem carteira	47,4	41,5	29,2
Empregados sem declar. de carteira	29,0	39,7	*
Trabalhador doméstico com carteira	62,2	50,8	41,5
Trabalhador doméstico sem carteira	49,2	37,8	23,1
Trabalhador doméstico sem declar. de carteira	46,5	15,6	*
Conta-própria	48,0	45,7	34,3
Empregador	65,0	62,1	54,0
Trabalhador na produção para o próprio consumo	5,1	5,1	6,6
Trabalhador na construção para o próprio uso	*	18,7	16,8
Não remunerado	25,9	18,4	14,5
Sem declaração	100,0	100,0	*
Total	39,4	38,6	29,3

* Sem informação

Fonte: IBGE/Pnad

Tabela 3 – Evolução do tempo de trabalho por setor econômico no Brasil (Nº horas habitualmente trabalhadas por semana – trabalho único ou principal – dez anos ou mais de idade)

	Apenas 45 horas ou mais		
	1992	2001	2009
	%	%	%
Agrícola	38,7	34,9	26,6
Indústria de transformação	38,6	39,7	28,5
Construção civil	50,5	50,3	35,7
Outras atividades industriais	31,1	34,6	26,0
Comércio de mercadorias	48,4	48,4	39,5
Prestação de serviços	49,1	45,1	*
Serviços auxiliares da atividade econômica	29,8	31,6	*
Serviços de transporte e comunicação	54,3	57,1	44,2
Serviços sociais	14,7	15,8	11,4
Administração pública	20,4	20,8	13,7
Outras atividades, atividades mal def./não declar.	20,8	26,0	16,3
Total	39,4	38,6	29,3

* Sem informação

Fonte: IBGE/Pnad

Em suma, as linhas gerais desenhadas a partir das informações da Pnad/IBGE são de redução da relevância do tempo de trabalho na vida diária da população brasileira. Seja quando se leva em conta todas as ocupações, seja quando se toma apenas as ações únicas ou principais, há uma diminuição das situações de excesso de trabalho (compreendidas como aquelas em que se trabalha 45 horas ou mais por semana).

Ressalve-se que não é possível dimensionar a importância do trabalho na vida cotidiana apenas a partir da duração da jornada laboral. Em princípio, outros fatores devem ser levados em conta, como a intensidade das atividades realizadas durante a

jornada, o desgaste físico e psíquico envolvido nessas atividades, e assim por diante. Seja como for, não deixa de ser relevante perceber que, em linhas gerais, o tempo destinado ao trabalho vem se reduzindo na vida diária da população do país, segundo a Pnad/IBGE.

3. Relação entre o tempo de trabalho e o tempo livre

É necessário realizar uma observação sobre os aspectos centrais deste relatório, que se referem a algumas variáveis específicas do Sips/Ipea – variáveis como: se os entrevistados conseguem se desligar do trabalho, se realizam outras atividades regulares, se o tempo de trabalho compromete suas vidas, etc.

A observação é a seguinte: tais variáveis estão associadas entre si, em um grau considerado razoável – o que pode ser interpretado, com as devidas ressalvas, como um indicio de que refletem uma mesma “dimensão” analítica (o modo como os entrevistados percebem a relação entre o tempo de trabalho e o tempo livre).

Os dados da tabela 4 consistem em uma medida desse grau de associação, que é o χ^2 de Pearson (qui-quadrado de Pearson), calculado para cada intersecção de sete variáveis que refletem esses aspectos. Das 21 intersecções existentes entre essas sete variáveis, apenas três resultam em χ^2 s sem significância estatística. Ou seja, de acordo com essa medida de combinação simples de variáveis, parece haver um razoável grau de associação entre os aspectos que refletem a maneira como é percebida a relação entre o tempo de trabalho e o tempo livre.

Tabela 4 – Associação entre variáveis (χ^2 Pearson)

	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7
Q1	-	97,88	67,70	36,50	19,98	37,94	3,80*
Q2	97,88	-	164,08	63,01	1,49*	13,59	1,76*
Q3	67,70	164,08	-	1076,96	83,08	26,76	145,92
Q4	36,50	63,01	1076,96	-	150,16	71,31	226,24
Q5	19,98	1,49*	83,08	150,16	-	123,75	144,47
Q6	37,94	13,59	26,76	71,31	123,75	-	32,76
Q7	3,80*	1,76*	145,92	226,24	144,47	32,76	-
* Não significante, $p > 0,05$							
Q1 - "Desliga-se totalmente do trabalho quando encerra o horário de trabalho?"							
Q2 - "Além de seu trabalho, você possui outro(s) compromisso(s) regular (es)?"							
Q3 - "Você sente que o tempo livre vem diminuindo por causa do trabalho?"							
Q4 - "Você acha que o tempo dedicado ao trabalho compromete sua qualidade de vida?"							
Q5 - "Quando precisa dedicar parte do tempo livre a atividades de seu trabalho, você fica..."							
Q6 - "Caso seja aprovada nova lei, prevendo a diminuição da jornada de trabalho, você..."							
Q7 - "Você consideraria trocar de trabalho por causa do tempo que você gasta com ele?"							

Fonte: Ipea/Sips

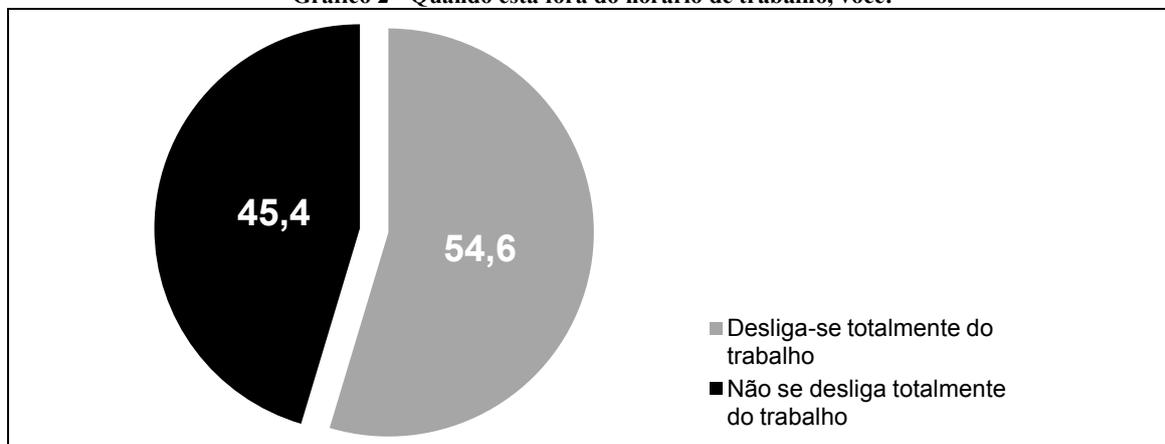
Como resumo, para um grupo relevante dos entrevistados (cuja extensão será dimensionada a seguir), há uma percepção relativamente comum da relação entre o tempo de trabalho e o tempo livre (que será qualificada também na sequência deste relatório). Em linhas gerais, essa percepção parece conflitar com as tendências desenhadas a partir dos dados da Pnad/IBGE (de pura e simples redução da importância do tempo de trabalho na vida cotidiana da população).

4. Se o entrevistado consegue se desligar de seu trabalho

Quase a metade dos entrevistados (45,4%) afirma ter dificuldade para se desligar totalmente do trabalho remunerado, mesmo após o horário de término de sua jornada diária. Entre as razões apontadas, destaca-se a necessidade de ficar de prontidão, para a realização de alguma atividade extraordinária (26,0%); a necessidade de planejar ou desenvolver alguma atividade de trabalho, mediante internet, celular, etc. (8,0%); bem como a necessidade de aprender um conjunto de coisas sobre o próprio trabalho (7,2%). Acrescente-se que 4,2% dos entrevistados relatam que possuem outros trabalhos remunerados, além do principal.

A dificuldade para se desligar totalmente do trabalho parece estar relacionada, em certa medida, com características socioeconômicas diretamente ligadas à ocupação dos entrevistados. Em particular, com sua posição na ocupação, pois ao comparar os trabalhadores subordinados (assalariados, i.e.) e os autônomos (por conta própria e pequenos empregadores, i.e.), constata-se que os primeiros têm uma chance 1,6 vezes maior de efetivamente conseguir se afastar do trabalho, após o horário de término de sua jornada diária⁶.

Gráfico 2 - Quando está fora do horário de trabalho, você:



Fonte: Ipea/Sips

Tabela 5 - Quando está fora do horário de trabalho, você:

	%
Fica de prontidão, pois pode ser acionado para alguma atividade extra	26,0
Planeja ou desenvolve atividades referentes ao trabalho via internet/celular	8,0
Procura aprender coisas sobre o trabalho	7,2
Exerce outro trabalho remunerado	4,2
Total	45,4

Fonte: Ipea/Sips

Tabela 6 – Associação entre variáveis (χ^2 Pearson e Razão de Chance)

Var. dependente: "Desliga-se totalmente do trabalho quando encerra o horário de trabalho?"			
Vars. independentes de natureza sociodemográfica			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Região geográfica	3,50	0,06	-
Sexo	5,40	0,02	1,16
Idade	4,33	0,04	0,87
Cor/Raça	11,03	0,00	1,25
Situação conjugal	7,90	0,00	1,20
Vars. independentes de natureza socioeconômica - indiretamente ligadas ao trabalho			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Escolaridade	2,32	0,13	-
Renda familiar	0,42	0,52	-
Vars. independentes de natureza socioeconômica - diretamente ligadas ao trabalho			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Posição na ocupação	42,30	0,00	0,64
Jornada de trabalho	14,84	0,00	0,77
Tempo de vínculo	19,16	0,00	0,75

Fonte: Ipea/Sips

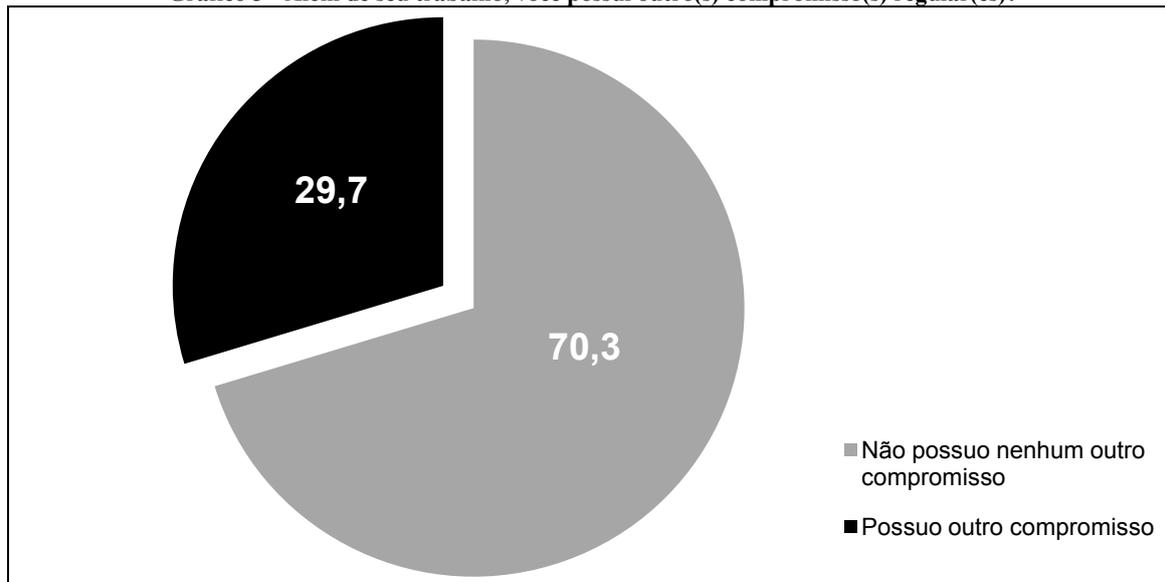
5. Se, além do trabalho, o entrevistado possui outros compromissos regulares

Menos de um terço dos entrevistados (29,7%) consegue assumir outros compromissos regulares, para além de seu trabalho remunerado. Entre os que conseguem assumir, destacam-se as atividades de devoção religiosa (7,1%), de realização de estudos (5,9%) e de treinamento esportivo (5,9%). Ademais, 6,2% dos entrevistados afirmam ter compromissos com outro trabalho remunerado, ao passo que 2,5% dizem desenvolver trabalho voluntário (fora de seus domicílios). Em termos de tempo dedicado a essas atividades, os entrevistados que conseguem desenvolvê-las destinam 10,7 horas semanais em média (sendo que a mediana corresponde a 7 horas semanais).

A possibilidade de assumir outros compromissos regulares no cotidiano parece estar associada a certas características socioeconômicas, indiretamente ligadas à ocupação dos entrevistados, como a escolaridade e a renda. Em termos de escolaridade, comparando os que possuem até ensino médio incompleto e os que possuem ao menos este nível completo, verifica-se que os segundos contam com uma chance 1,7 vezes

maior de conseguir assumir outros compromissos regulares. Paralelamente, contrastando os entrevistados que têm renda familiar per capita de até R\$ 400,00 mensais e os que têm renda acima deste valor, percebe-se que os últimos têm uma chance 1,5 vezes maior de conseguir se dedicar às religiões, aos estudos, aos esportes e assim por diante.

Gráfico 3 - Além de seu trabalho, você possui outro(s) compromisso(s) regular(es)?



Fonte: Ipea/Sips

Tabela 7 - Além de seu trabalho, você possui outro(s) compromisso(s) regular(es)?

	%
Sim, devoção religiosa	7,1
Sim, outro trabalho remunerado	6,2
Sim, atividades de estudo	5,9
Sim, prática ou treinamento esportivo	5,9
Sim, trabalho não remunerado ou voluntário fora do lar	2,5
Sim, outra atividade	2,0
Sim, atividade política/sindical	0,2
Total	29,7

Fonte: Ipea/Sips

Tabela 8 - Quantas horas você dedica normalmente por semana a esta(s) outra(s) atividade(s)?

	Nº
Média	10,7
Mediana	7

Fonte: Ipea/Sips

Tabela 9 – Associação entre variáveis (χ^2 Pearson e Razão de Chance)

Var. dependente: "Além de seu trabalho, você possui outro(s) compromisso(s) regular (es)?"			
Vars. independentes de natureza sociodemográfica			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Região geográfica	20,81	0,00	1,39
Sexo	0,14	0,71	-
Idade	6,08	0,01	0,84
Cor/Raça	17,15	0,00	0,74
Situação conjugal	10,09	0,00	1,25
Vars. independentes de natureza socioeconômica - indiretamente ligadas ao trabalho			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Escolaridade	55,58	0,00	1,71
Renda familiar	35,25	0,00	1,53
Vars. independentes de natureza socioeconômica - diretamente ligadas ao trabalho			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Posição na ocupação	17,72	0,00	0,72
Jornada de trabalho	0,42	0,52	-
Tempo de vínculo	0,07	0,79	-

Fonte: Ipea/Sips

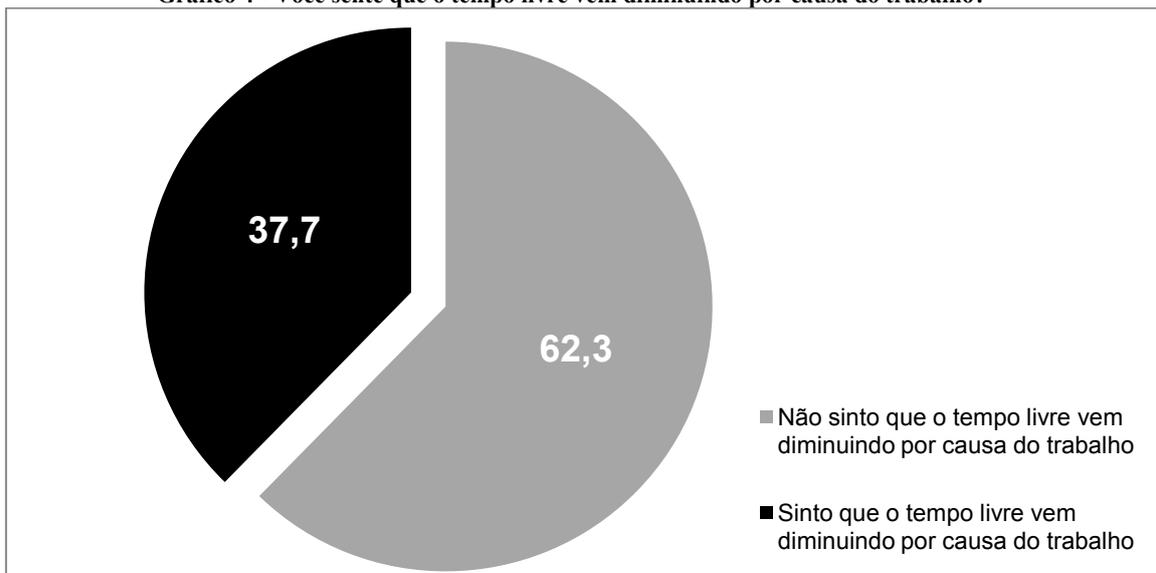
6. Se o entrevistado sente que o tempo livre vem diminuindo por conta do trabalho

Mais de um terço dos entrevistados (37,7%) sente que o tempo livre vem diminuindo no período recente, por conta do tempo diariamente gasto com o trabalho remunerado. De maneira mais específica, eles afirmam que isso ocorre por causa do excesso de atividades exigidas no trabalho (18,0%), devido à obrigação de levar atividades laborais para realizar casa (5,3%) e por conta do maior tempo gasto com transporte para o trabalho (4,8%), entre outras razões.

A percepção de que o tempo livre vem diminuindo, por conta do tempo gasto com o trabalho, parece estar vinculada, em certa medida, a características socioeconômicas diretamente ligadas à ocupação dos entrevistados. E, em especial, à sua jornada laboral, pois ao comparar os que trabalham até 44 horas por semana (que é a jornada legalmente definida no país) e os que trabalham mais que esse número, nota-se que os segundos têm uma chance 1,8 vezes maior de relatar que seu tempo livre vem diminuindo.

De forma um pouco menos óbvia, essa percepção também parece estar relacionada a características sociodemográficas dos entrevistados, como a região geográfica de residência. Ao contrastar os que habitam regiões não-afluentes (Norte, Nordeste e Centro-Oeste) e os que moram em regiões afluentes (Sul e Sudeste), registra-se os últimos têm uma chance 1,6 maior de mencionar que seu tempo livre vem diminuindo, devido ao tempo gasto com o trabalho.

Gráfico 4 - Você sente que o tempo livre vem diminuindo por causa do trabalho?



Fonte: Ipea/Sips

Tabela 10 - Você sente que o tempo livre vem diminuindo por causa do trabalho?

	%
Sim, por causa do excesso de atividades no trabalho	18,0
Sim, por causa de ter que levar trabalho para casa	5,3
Sim, por causa do maior tempo gasto com transporte para o trabalho	4,8
Sim, por causa da maior exigência de qualificação para o trabalho	3,7
Sim, por causa de ter que estar de prontidão para emergências no trabalho	2,6
Sim, por outro motivo	3,4
Total	37,7

Fonte: Ipea/Sips

Tabela 11 – Associação entre variáveis (χ^2 Pearson e Razão de Chance)

Var. dependente: "Você sente que o tempo livre vem diminuindo por causa do trabalho?"			
Vars. independentes de natureza sociodemográfica			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Região geográfica	46,18	0,00	1,60
Sexo	4,78	0,03	1,16
Idade	0,86	0,36	-
Cor/Raça	2,91	0,08	-
Situação conjugal	4,59	0,03	0,87
Vars. independentes de natureza socioeconômica - indiretamente ligadas ao trabalho			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Escolaridade	10,25	0,00	1,24
Renda familiar	4,44	0,04	1,15
Vars. independentes de natureza socioeconômica - diretamente ligadas ao trabalho			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Posição na ocupação	0,00	0,99	-
Jornada de trabalho	68,87	0,00	1,78
Tempo de vínculo	1,18	0,28	-

Fonte: Ipea/Sips

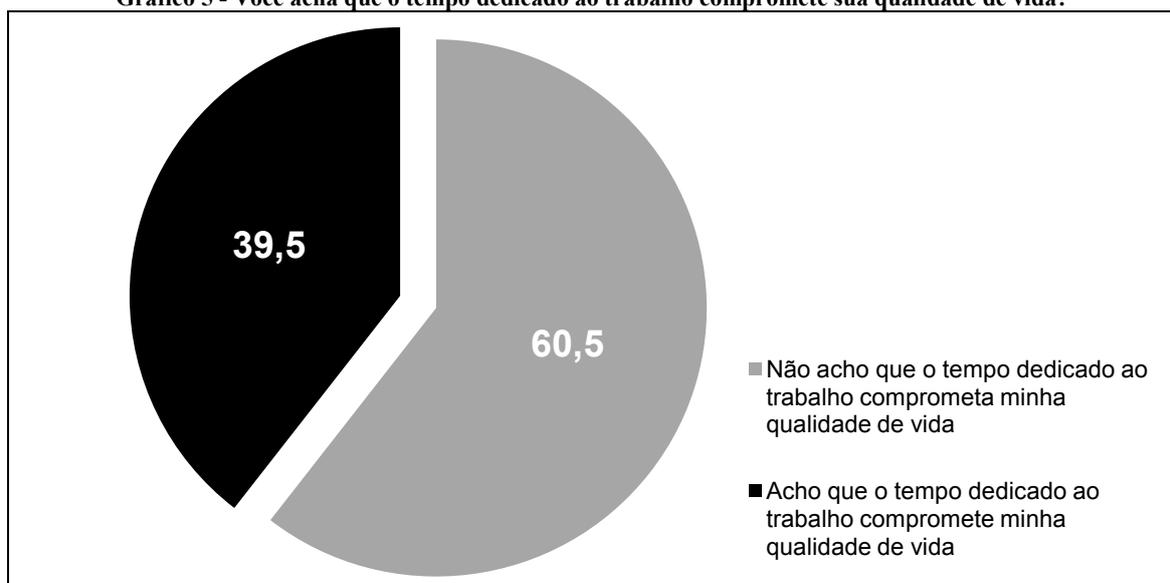
7. Se o entrevistado acha que o tempo de trabalho compromete sua qualidade de vida

Mais de um terço dos entrevistados (39,5%) considera que o tempo cotidianamente dedicado ao trabalho remunerado compromete a qualidade de vida. De acordo com as respostas fornecidas, isso ocorre principalmente por conta desse trabalho gerar cansaço e estresse (13,8%), devido a ele comprometer as relações amorosas e a atenção à família (9,8%), por causa do prejuízo causado ao estudo, ao lazer e ao esporte (7,2%) e devido a ele afetar negativamente as relações de amizade (5,8%).

A percepção de que o tempo exigido no trabalho compromete a qualidade de vida em várias dimensões parece estar associada, em parte, a características socioeconômicas diretamente ligadas à ocupação dos entrevistados. Em particular, à sua jornada laboral, pois comparando os que trabalham até 44 horas semanais e os que trabalham mais que isso, verifica-se que os segundos têm uma chance 1,6 vezes maior de afirmar que esse comprometimento é significativo.

Em paralelo, essa percepção também parece estar vinculada a características sociodemográficas dos entrevistados, como a região geográfica de moradia. Contrastando os que residem em regiões não-afluentas e os que habitam regiões afluentes, constata-se que os últimos têm uma chance 1,5 vezes maior de relatar problemas de qualidade de vida por conta do tempo diariamente exigido no trabalho.

Gráfico 5 - Você acha que o tempo dedicado ao trabalho compromete sua qualidade de vida?



Fonte: Ipea/Sips

Tabela 12 - Você acha que o tempo dedicado ao trabalho compromete sua qualidade de vida?

	%
Sim, pois gera cansaço e estresse	13,8
Sim, pois compromete minhas relações amorosas/minha atenção à família	9,8
Sim, pois compromete meu tempo de estudo/lazer/atividades físicas	7,2
Sim, pois compromete minhas amizades	5,8
Sim, pois gera perda de motivação para o próprio trabalho	2,9
Total	39,5

Fonte: Ipea/Sips

Tabela 13 – Associação entre variáveis (χ^2 Pearson e Razão de Chance)

Var. dependente: "Você acha que o tempo dedicado ao trabalho compromete sua qualidade de vida?"			
Vars. independentes de natureza sociodemográfica			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Região geográfica	33,46	0,00	1,48
Sexo	2,61	0,11	-
Idade	3,13	0,08	-
Cor/Raça	8,02	0,01	0,83
Situação conjugal	1,01	0,32	-
Vars. independentes de natureza socioeconômica - indiretamente ligadas ao trabalho			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Escolaridade	6,13	0,01	1,18
Renda familiar	1,56	0,21	-
Vars. independentes de natureza socioeconômica - diretamente ligadas ao trabalho			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Posição na ocupação	1,81	0,18	-
Jornada de trabalho	51,35	0,00	1,64
Tempo de vínculo	0,13	0,72	-

Fonte: Ipea/Sips

8. Como o entrevistado se sente por usar o tempo livre para trabalhar

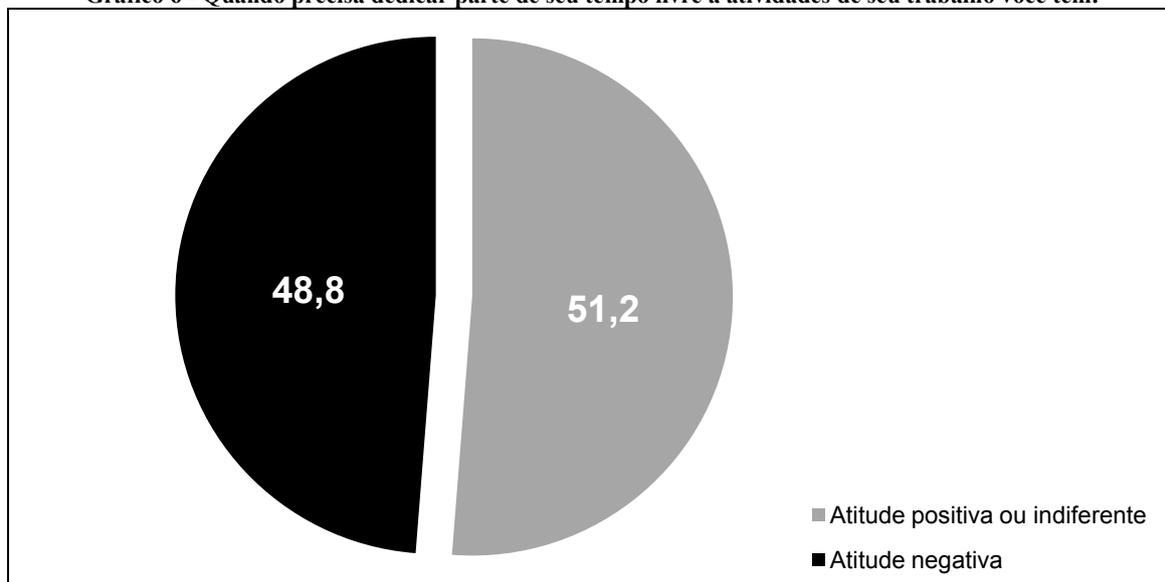
Quase a metade dos entrevistados (48,8%) apresenta reações negativas quando necessita dedicar parcela de seu tempo livre a atividades próprias do trabalho remunerado. Entre essas reações negativas, contabilizam-se as seguintes atitudes: conformação por precisar manter o trabalho (36,7%), tristeza por não sentir prazer no trabalho (5,1%) e revolta por achar que o tempo livre deveria ser dedicado a outras atividades (que não o trabalho, 7,0%).

A reação negativa ao uso do tempo livre para trabalhar parece estar ligada, em boa medida, a características socioeconômicas diretamente associadas à ocupação dos entrevistados. Destaque para a posição na ocupação, pois ao comparar os trabalhadores subordinados e os autônomos, nota-se que os primeiros têm uma chance 2,1 vezes maior de reagir contra esse uso do tempo livre. E destaque também para o tempo de vínculo dos trabalhadores (período em que mantêm o mesmo vínculo profissional), pois ao contrastar os que estão há menos tempo (até 36 meses) e os que estão há mais que isso,

observa-se que os primeiros têm uma chance 1,4 vezes maior de reagir contra o uso do tempo livre para trabalhar.

Acrescente-se que reação negativa ao uso “indevido” do tempo livre também parece estar relacionada a características sociodemográficas dos entrevistados, como a região geográfica de residência: ao comparar os que moram em regiões não-afluentes e os que habitam regiões afluentes, percebe-se que os últimos têm uma chance 1,4 vezes maior de rechaçar esse uso do tempo livre. Ademais, outra característica sociodemográfica a ser comentada é a idade: ao contrastar os trabalhadores com até 38 anos e aqueles com 39 anos de idade ou mais, registra-se que os primeiros têm uma chance 1,4 vezes maior de rejeitar o uso do tempo livre para trabalhar.

Gráfico 6 - Quando precisa dedicar parte de seu tempo livre a atividades de seu trabalho você tem:



Fonte: Ipea/Sips

Tabela 14 - Quando precisa dedicar parte de seu tempo livre a atividades de seu trabalho você fica:

	%
Atitude positiva ou indiferente	
Feliz, pois está fazendo o que gosta	42,0
Indiferente, pois nunca tenho o que fazer quando está de folga	9,2
Atitude negativa	
Conformado, pois precisa manter o emprego	36,7
Triste, pois não sente prazer no que faz	5,1
Revoltado, pois o tempo livre deveria ser para outras coisas	7,0
Total	100,0

Fonte: Ipea/Sips

Tabela 15 – Associação entre variáveis (χ^2 Pearson e Razão de Chance)

Var. dependente: "Quando precisa dedicar parte de seu tempo livre a atividades de seu trabalho você fica"			
Vars. independentes de natureza sociodemográfica			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Região geográfica	29,11	0,00	1,43
Sexo	11,61	0,00	1,25
Idade	31,74	0,00	0,69
Cor/Raça	1,82	0,18	-
Situação conjugal	2,23	0,14	-
Vars. independentes de natureza socioeconômica - indiretamente ligadas ao trabalho			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Escolaridade	2,02	0,16	-
Renda familiar	5,02	0,03	0,86
Vars. independentes de natureza socioeconômica - diretamente ligadas ao trabalho			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Posição na ocupação	110,75	0,00	0,48
Jornada de trabalho	5,29	0,02	1,17
Tempo de vínculo	22,42	0,00	0,73

Fonte: Ipea/Sips

9. Se o entrevistado pensa em trocar de ocupação por conta do tempo despendido no trabalho

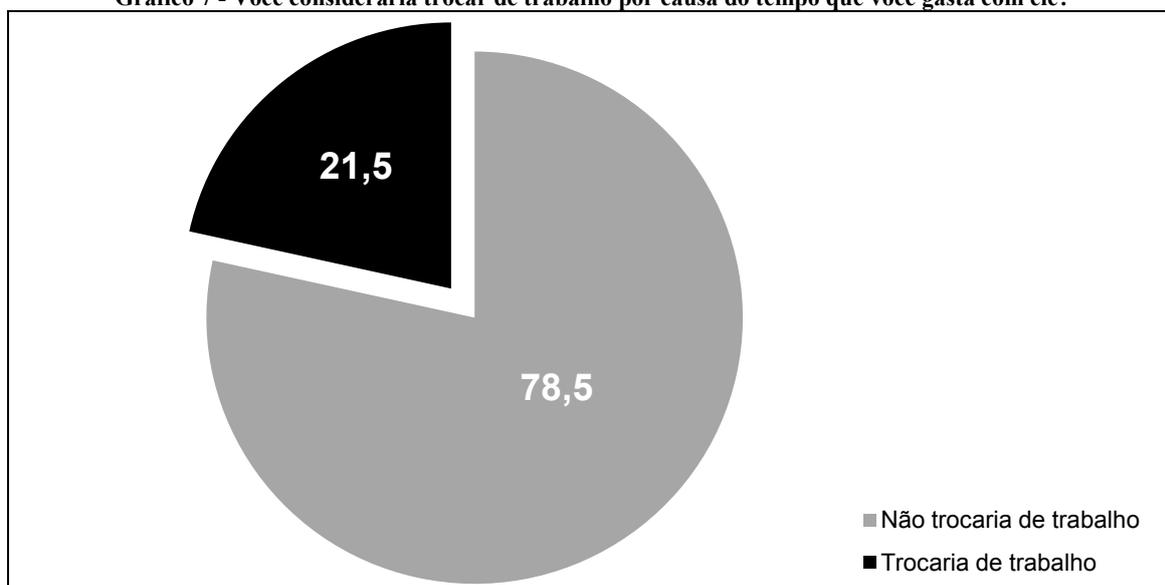
Com a análise até agora realizada, fica evidente que uma parcela oscilante (entre 30% e 50%) dos entrevistados considera que o tempo dedicado ao trabalho remunerado afeta negativamente seu tempo livre, com todas as consequências deste fato em termos de redução de sua qualidade de vida (geração de cansaço e estresse, comprometimento das relações familiares, impossibilidade de realização de atividades etc.). Entretanto, uma parcela inferior (de apenas 21,5%) dos entrevistados afirma efetivamente pensar em trocar de trabalho por causa do tempo que gasta com ele, avaliado como excessivo.

A efetiva consideração da troca de trabalho parece estar associada a diferentes tipos de características dos entrevistados. Em termos de características sociodemográficas, pode-se mencionar a idade: comparando aqueles com até 38 anos e aqueles com 39 anos de idade ou mais, verifica-se que os primeiros têm uma chance 2,0 vezes maior de cogitar trocar de trabalho.

Em termos de características socioeconômicas indiretamente associadas à ocupação dos entrevistados, destaca-se a renda: contrastando aqueles que têm renda familiar per capita de até R\$ 400,00 mensais e os que têm renda acima deste valor, percebe-se que os primeiros têm uma chance 1,7 vezes maior de pensar em trocar de trabalho.

Já em termos de características socioeconômicas diretamente associadas à ocupação, pode-se chamar a atenção para a posição ocupacional: comparando os trabalhadores subordinados e os autônomos, nota-se que os primeiros têm uma chance 1,7 vezes maior de cogitar trocar de trabalho. Além disso, pode-se atentar para o tempo de vínculo laboral: contrastando os que possuem menos tempo (até 36 meses) e os que possuem mais que isso, observa-se que os primeiros têm uma chance 1,6 vezes maior de pensar em trocar de trabalho, por conta do tempo que se gasta com ele.

Gráfico 7 - Você consideraria trocar de trabalho por causa do tempo que você gasta com ele?



Fonte: Ipea/Sips

Tabela 16 – Associação entre variáveis (χ^2 Pearson e Razão de Chance)

Var. dependente: "Você consideraria trocar de trabalho por causa do tempo que você gasta com ele?"			
Vars. independentes de natureza sociodemográfica			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Região geográfica	0,74	0,39	-
Sexo	8,02	0,01	1,25
Idade	67,49	0,00	0,51
Cor/Raça	16,00	0,00	1,38
Situação conjugal	7,14	0,01	1,24
Vars. independentes de natureza socioeconômica - indiretamente ligadas ao trabalho			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Escolaridade	0,00	0,97	-
Renda familiar	40,30	0,00	0,60
Vars. independentes de natureza socioeconômica - diretamente ligadas ao trabalho			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Posição na ocupação	36,52	0,00	0,59
Jornada de trabalho	0,59	0,44	-
Tempo de vínculo	29,27	0,00	0,64

Fonte: Ipea/Sips

10. Como o entrevistado avalia normas legais que reduzam a jornada de trabalho

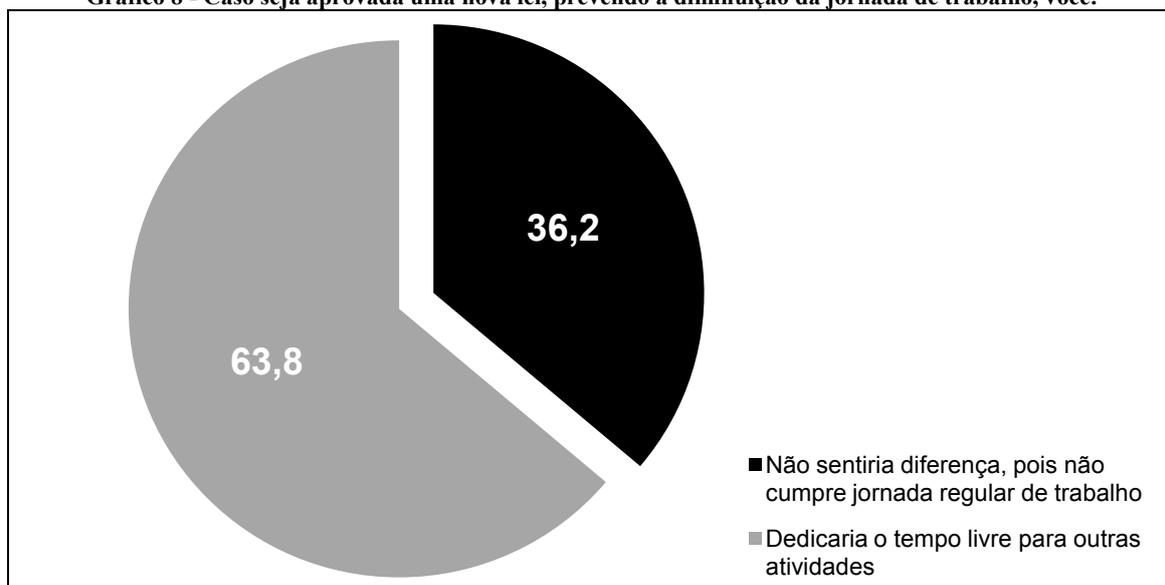
Por fim, quando os entrevistados opinam sobre eventuais alterações nas normas legais que regulam a jornada laboral no país (no sentido de reduzi-la das atuais 44 para um número inferior de horas semanais), nada menos que 36,2% deles afirmam que não perceberiam diferenças caso tais alterações legislativas viessem a ser aprovadas.

Os demais entrevistados, que perceberiam diferenças em suas vidas com a redução de jornada, distribuem-se pelas seguintes alternativas de uso do tempo livre que surgiria com tal redução: 24,9% usariam esse tempo para cuidar da casa e da família; 12,3% o utilizariam para estudar; outros 12,3% o destinariam para descanso puro e simples; e 5,7% o dedicariam à prática de esporte/recreação.

A percepção de diferenças resultantes do maior tempo livre, originado da redução da jornada laboral, parece estar associada a diferentes tipos de características dos entrevistados, entre as quais se destacam a região geográfica de residência e a idade entre as características sociodemográficas, bem como o tempo de vínculo entre as características socioeconômicas.

Mas, de longe, a posição na ocupação é o atributo que se encontra associado em maior grau com a valoração da redução da jornada de trabalho (e do tempo livre resultante). Ao comparar os trabalhadores subordinados e os autônomos, verifica-se que os primeiros têm uma chance 5,9 vezes maior de valorar (no sentido positivo) a redução da jornada.

Gráfico 8 - Caso seja aprovada uma nova lei, prevendo a diminuição da jornada de trabalho, você:



Fonte: Ipea/Sips

Tabela 17 - Caso seja aprovada uma nova lei, prevendo a diminuição da jornada de trabalho, você:

	%
Não sentiria diferença, pois não cumpre jornada regular de trabalho	36,2
Dedicaria o tempo livre para cuidar da casa e da família	24,9
Dedicaria o tempo livre para estudar	12,3
Dedicaria o tempo livre apenas para descansar	12,3
Dedicaria o tempo livre para praticar esportes ou outro tipo de recreação	5,7
Dedicaria o tempo livre para buscar outro trabalho remunerado	4,0
Dedicaria o tempo livre para realizar outra atividade regular	2,6
Dedicaria o tempo livre para fazer hora extra no trabalho atual	2,0
Total	100,0

Fonte: Ipea/Sips

Tabela 18 – Associação entre variáveis (χ^2 Pearson e Razão de Chance)

Var. dependente: "Caso seja aprovada uma nova lei, prevendo a diminuição da jornada de trabalho, você"			
Vars. independentes de natureza sociodemográfica			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Região geográfica	71,73	0,00	1,79
Sexo	1,06	0,30	-
Idade	65,76	0,00	0,57
Cor/Raça	27,04	0,00	0,70
Situação conjugal	6,43	0,01	1,19
Vars. independentes de natureza socioeconômica - indiretamente ligadas ao trabalho			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Escolaridade	33,94	0,00	1,49
Renda familiar	3,35	0,07	-
Vars. independentes de natureza socioeconômica - diretamente ligadas ao trabalho			
	χ^2 Pearson	Significância	Razão de chance
Posição na ocupação	603,66	0,00	0,17
Jornada de trabalho	0,88	0,35	-
Tempo de vínculo	57,83	0,00	0,59

Fonte: Ipea/Sips

Considerações finais

Sinteticamente, é possível alinhar os seguintes pontos a respeito deste levantamento do Sips/Ipea:

i) Quase a metade dos entrevistados afirma ter dificuldade para se desligar totalmente do trabalho remunerado, mesmo após o horário de término de sua jornada diária. Essa dificuldade parece estar relacionada com a posição na ocupação: quando comparados com os trabalhadores subordinados (assalariados), os autônomos (por conta própria e pequenos empregadores) têm menor chance de conseguir se desligar do trabalho.

ii) Menos de um terço dos entrevistados consegue assumir outros compromissos regulares, para além de seu trabalho remunerado. A possibilidade de assumir outros compromissos no cotidiano parece estar associada à escolaridade e à renda: os entrevistados que possuem ao menos ensino médio completo, bem como os que têm

renda familiar per capita acima de R\$ 400,00 mensais, têm maior chance de conseguir assumir outros compromissos regulares⁷.

iii) Mais de um terço dos entrevistados percebe que o tempo livre vem diminuindo no período recente, por conta do tempo diariamente gasto com o trabalho remunerado. Essa percepção de que o tempo livre vem diminuindo parece estar vinculada à jornada laboral e à região geográfica de residência: os entrevistados que trabalham mais que 44 horas semanais, assim como os que residem em regiões afluentes (Sudeste e Sul) têm uma chance maior de relatar que seu tempo livre vem diminuindo, por causa do trabalho.

iv) Mais de um terço dos entrevistados considera que o tempo cotidianamente dedicado ao trabalho remunerado prejudica a qualidade de vida. Essa ideia de que há comprometimento da qualidade de vida por conta do tempo de trabalho parece estar associada à jornada laboral, bem como à região de moradia: os entrevistados que trabalham mais que 44 horas semanais, assim como os que residem em regiões afluentes, têm uma chance maior de afirmar que esse comprometimento é significativo.

v) Quase a metade dos entrevistados apresenta reações negativas quando necessita dedicar parcela de seu tempo livre a atividades próprias do trabalho remunerado. Por um lado, essas reações negativas parecem estar ligadas à posição na ocupação e ao tempo de vínculo: os entrevistados que são trabalhadores subordinados, bem como aqueles há menos tempo no mesmo vínculo (até 36 meses), têm uma chance maior de reagir contra o “indevido” uso do tempo livre. Por outro lado, essas reações negativas também parecem estar relacionadas à região de residência e à idade: os entrevistados que moram em regiões afluentes, assim como aqueles mais jovens (até 38 anos de idade), têm uma chance maior de rechaçar o uso do tempo livre para trabalhar.

vi) Apesar de tudo o que pode ser examinado sobre como o tempo dedicado ao trabalho remunerado afeta negativamente o tempo livre (com todas as consequências deste fato em termos de redução de qualidade de vida), apenas um quinto dos entrevistados afirma efetivamente pensar em trocar de trabalho por causa do tempo que gasta com ele. Esse pensamento parece estar associado a diferentes tipos de características: idade dos entrevistados (os mais jovens têm uma chance maior de cogitar trocar de trabalho), renda familiar (os com menor renda têm maior chance), posição ocupacional (os trabalhadores subordinados têm maior chance) e tempo de vínculo laboral (os com menos tempo têm maior chance).

vii) Quase um terço dos entrevistados afirma que não perceberia mudanças em seu tempo livre, caso fossem aprovadas alterações nas normas legais que regulam a jornada laboral. A percepção de maior tempo livre, originada da redução da jornada laboral, parece estar associada basicamente à posição na ocupação: os entrevistados que são trabalhadores subordinados é que têm uma maior chance de valorar (no sentido positivo) a redução da jornada.

Em suma, para um grupo relevante dos entrevistados (composto por algo entre 30% e 50% deles), há uma percepção comum da relação entre o tempo de trabalho e o tempo livre. E essa percepção aponta para o fato de que o tempo de trabalho remunerado afeta bastante o tempo livre disponível. Aponta também para o fato de que isso tem consequências significativas para a qualidade de vida em geral (ao gerar cansaço, estresse e desmotivação; ao prejudicar as relações familiares e as relações de amizade; ao inviabilizar as atividades esportivas, educacionais e assim por diante).

Para a definição de quais são os entrevistados que compartilham essa percepção comum entre o tempo de trabalho e o tempo livre, concorrem diversas características sociodemográficas e socioeconômicas, com destaque para: posição ocupacional, jornada laboral e tempo de vínculo, nível de instrução e de renda familiar, assim como idade e região geográfica de residência.

Não deixa de ser contraditório observar que a percepção compartilhada por esse grupo de entrevistados, que destaca os impactos (significativos, crescentes e negativos) do tempo de trabalho remunerado para a qualidade de vida em geral, conflita com a leitura que se fez dos dados da Pnad/IBGE, que mostram uma aparente redução da importância do tempo de trabalho na vida cotidiana da população brasileira.

Parte da explicação dessa contradição pode estar em uma espécie de “diluição” das fronteiras entre tempo de trabalho e tempo livre, detectada a partir dos dados do Sips/Ipea. Quase metade dos entrevistados relata que, mesmo quando é alcançado o limite da jornada diária, o trabalho continua a lhes acompanhar, até mesmo em suas casas. Isso por conta da necessidade de permanecer em prontidão/sobreaviso, por causa da realização de teletrabalho (por internet, celular etc.), por conta da necessidade de preparação para o trabalho do dia seguinte e assim por diante. Ou seja, mesmo com a maior parte da população trabalhando menos a partir dos anos 2000, há um “esmaecimento” dos limites entre tempo de trabalho e tempo livre, que faz com que este

seja gradualmente convertido no primeiro – sem que isto seja registrado em levantamentos como a Pnad/IBGE.

Ressalte-se que essa conversão é valorada de modo negativo por nada menos que metade dos entrevistados do Sips/Ipea (em especial, aqueles que contam com uma jornada definida – como os trabalhadores subordinados)⁸. Mas essa valoração negativa manifesta-se principalmente por meio de uma atitude de “conformação”. Frente à conversão do tempo livre em tempo de trabalho, a atitude dos entrevistados não é de revolta, protesto ou recusa (em um âmbito individual ou, até mesmo, em um plano coletivamente organizado), mas sim de estrita conformidade com o fato. E, ao que tudo indica, isso tem algo a ver com o que é descrito a seguir.

Outro aspecto contraditório a analisar é que, apesar da percepção comum de que o tempo de trabalho afeta significativa, crescente e negativamente a qualidade de vida, somente um quinto dos entrevistados do Sips/Ipea afirma realmente pensar em trocar de ocupação por conta disso. Ao que parece, mesmo com a melhora verificada no funcionamento do mercado laboral brasileiro nos anos 2000, revelada pelos dados da Pnad/IBGE, trocar de ocupação ainda parece ser algo impactante para o cotidiano da população, merecendo por isso muitos cuidados e várias precauções – mesmo quando a ocupação atual, com seu tempo de trabalho excessivo, prejudica boa parte desse mesmo cotidiano. Apenas os trabalhadores mais jovens, com menor renda e com menor tempo de vínculo parecem considerar menos impactante a troca de ocupação, com todos os efeitos desorganizadores que ela provavelmente tem para sua vida cotidiana.

Por fim, ainda que esta versão do Sips/Ipea não dedique atenção específica ao tempo de trabalho não-remunerado, desenvolvido no âmbito doméstico (trabalho de conservação e manutenção do domicílio e da família), ele traz algumas informações a respeito. Ao que tudo indica, esse tempo de trabalho doméstico é muito significativo na vida diária dos entrevistados. Até porque, em caso de aprovação de uma nova lei, prevendo a diminuição da jornada de trabalho, a principal destinação do tempo livre que surgiria, segundo o relato dos entrevistados, é o cuidado com a casa e a família (nada menos que um quarto das respostas).

Todavia, a este respeito, note-se que não há diferenças expressivas entre o relato dos entrevistados do sexo masculino e feminino, como talvez fosse de esperar a partir do conhecimento acumulado sobre o assunto. Cerca de um quarto de cada um dos

grupos considera o cuidado com a casa/família o principal destinatário de tempo livre que surja com eventual redução da jornada legal de trabalho remunerado.

Tabela 19 – Caso seja aprovada uma nova lei, prevendo a diminuição da jornada de trabalho, o Sr (a):

	Masculino	Feminino	Total
Não sentiria diferença, pois não cumpre jornada regular de trabalho	35,4	37,0	36,2
Dedicaria o tempo livre para cuidar da casa e da família	23,2	26,8	24,9
Dedicaria o tempo livre para estudar	11,6	13,0	12,3
Dedicaria o tempo livre para praticar esportes ou outra recreação	6,6	4,8	5,7
Dedicaria o tempo livre para fazer hora extra no trabalho atual	2,2	1,9	2,0
Dedicaria o tempo livre para buscar outro trabalho remunerado	5,0	2,9	4,0
Dedicaria o tempo livre para realizar outra atividade regular	2,6	2,6	2,6
Dedicaria o tempo livre apenas para descansar	13,4	11,1	12,3
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Ipea/Sips

Na verdade, isso só reforça algo já percebido na observação dos demais aspectos deste relatório: entre homens e mulheres, não há diferenças significativas de percepção sobre a relação entre o tempo de trabalho e o tempo livre. E, à primeira vista, isso não deixa de ser contraditório com o que afirma o conhecimento acumulado acerca dos papéis desempenhados por ambos os gêneros na sociedade brasileira.

Parcela dessa contradição talvez possua explicação “metodológica”. Isso porque o universo de referência da amostra do Sips/Ipea é composto por indivíduos localizados em áreas urbanas, com ao menos um trabalho remunerado na semana de referência. Além disso, o foco temático desse levantamento concentra-se somente nos impactos do tempo de trabalho remunerado sobre o tempo livre (ignorando outros tipos de trabalho).

Se o universo a partir do qual foi extraída a amostra fosse outro (incluindo indivíduos não remunerados e, também, que não trabalham; situados em áreas urbanas e, também, rurais), assim como se o foco temático fosse outro (incluindo os efeitos do trabalho de conservação/manutenção do domicílio/da família sobre o tempo livre), é possível que os resultados fossem diferentes. É preciso ter em mente essas circunstâncias ao analisar as informações do Sips/Ipea.

Notas

¹A elaboração deste relatório esteve sob responsabilidade da Coordenação de Trabalho e Renda da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais do Ipea. A finalização deste documento contou com a assistência e colaboração da Assessoria Técnica da Presidência do Ipea (Astec) e Assessoria de Comunicação do Ipea (Ascom).

²Sistema de Informações de Percepção Social.

³Trabalho único ou principal na semana de referência da pesquisa.

⁴Quando se menciona “tempo livre”, está se referindo ao lapso de tempo que excede o trabalho remunerado único ou principal na semana de referência da pesquisa.

⁵A última versão disponível da Pnad/IBGE é de 2009.

⁶Ao longo deste relatório, quando o indicador da razão de chance é inferior a 1, realiza-se a interpretação inversa (dividindo 1 por este indicador = 1/razão de chance).

⁷A partir das respostas ao Sips/Ipea, é possível pensar se a assunção de alguns compromissos regulares (como estudos ou desportos) não demanda maior escolaridade e renda. Afinal, tais compromissos parecem ser exemplos de que alguns usos específicos do tempo livre demandam, da população, recursos (intelectuais ou financeiros) significativos.

⁸Pelo que é possível deduzir das respostas ao Sips/Ipea, quando o trabalho é de natureza subordinada (quando é por conta alheia, com parâmetros definidos pelo tomador do serviço), a separação entre tempo de trabalho e tempo livre parece mais clara para os trabalhadores entrevistados. Por outro lado, quando o trabalho é de natureza autônoma (quando é por conta própria, com diretrizes traçadas pelo próprio prestador do serviço, em alguma medida), essa separação parece ser menos evidente.



**Ipea - Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada**

**Secretaria de Assuntos Estratégicos da
Presidência da República**